

Tipologias de violência e reverberações midiáticas: aproximações ao debate¹

Rafael de Jesus Gomes²
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)

Resumo:

Nesta proposta de resumo, trabalha-se os conceitos e as tipologias de violência a partir da perspectiva dos autores Johan Galtung (1969) e Byun-Chul han (2019). Suas concepções ajudam a tensionar o debate acerca do termo violência e suas reverberações no campo midiático, no tratamento enquanto valor-notícia e nas estratégias discursivas. A partir de uma revisão de literatura sobre as tipologias da violência e os critérios de noticiabilidade. Pretende-se relativizar os conceitos propostos pelos autores no contexto social contemporâneo

Palavras-Chave: Violência, Noticiabilidade, Tipologias, Mídia, Jornalismo

1. Violência: um valor-notícia “fundamental”?

A importância da violência como um critério de noticiabilidade vai além do papel dos jornalistas e da mídia na construção das notícias e influenciam a seleção dos temas que são divulgados. Segundo Pena (2012) e Wolf (2010), a noticiabilidade envolve não apenas as características dos fatos, mas também os critérios e as rotinas dos jornalistas ao moldarem a produção jornalística.

A produção de notícias está sujeita a padrões culturais e organizacionais, os quais, como explica Schudson (2010), são inconscientes, mas orientam a forma como os jornalistas processam a informação. Wolf (2010) sugere que os critérios de noticiabilidade dependem de fatores como a cultura profissional dos jornalistas e as rotinas das redações, determinando quais acontecimentos ganham visibilidade pública.

Esses critérios ajudam a definir se um fato será ou não considerado uma notícia. Além disso, Souza (2000) aponta que as empresas jornalísticas implementam tecnologias para tornar o processo de produção mais ágil e eficiente, refletindo diretamente na seleção de pautas, como a violência, que são recorrentes devido à sua fácil agenda e alta repercussão midiática.

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025

² Professor interino do curso de Jornalismo da UNEMAT-TGA e UNEMAT-ROO – E-mail: rafael.gomes@unemat.br

A violência, como tema jornalístico, é um valor-notícia presente em diversas mídias, sendo tratada muitas vezes de maneira a reforçar o imaginário coletivo. Hohlfeldt (2011) observa que temas violentos têm grande poder de audiência, o que explica sua frequência nas pautas. No entanto, estudos como os de Temer e Zamorra (2017)³ revelam que a cobertura da violência impacta não apenas a sociedade, mas também a saúde e a qualidade de vida dos jornalistas. No Brasil, estudos mostram um aumento significativo nos ataques a jornalistas, exacerbado por um ambiente político de descrédito das instituições de imprensa.

Apesar das críticas à exploração sensacionalista da violência, como apontados por Ramos & Paiva (2016)⁴, a cobertura midiática continua a retratar a violência de maneira intensa, embora com menos imagens explícitas. Essa mudança narrativa não significa uma diminuição na exposição da violência, mas sim uma forma de reapresentá-la de maneira mais indireta, com o intuito de engajar a audiência sem apelar para imagens explícitas. Charradeau (2009) explica que essas estratégias visam reforçar a fidelização do público e a defesa das ideias corporativas da mídia, buscando uma relação simbólica com o espectador.

Em suma, o uso da violência reflete a dinâmica complexa entre os processos jornalísticos, as demandas da audiência e as condições de trabalho dos profissionais da imprensa. A violência, embora muitas vezes tratada de maneira sensacionalista, continua a ser uma ferramenta poderosa para atrair atenção, mas ao mesmo tempo exige uma reflexão crítica sobre suas implicações tanto para os jornalistas quanto para o público.

2. As tipologias de violência: De Galtung (1969) à Byun-Chul Han (2019)

Em 50 anos que separam as concepções de violência atribuídas aos pensadores Johan Galtung (1969) e Byun-Chul han (2019) podemos considerar a preocupação com o que significa falar em violência não só semanticamente, mas também suas multidimensionalidades. Tão vasto quanto compreender as causas e as consequências,

³Em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19477/3/Artigo%20%20Ana%20Carolina%20Temer%20-%20202018.pdf>> acesso em 03/30/2025.

⁴ Em: <https://www.ucamcesec.com.br/wpcontent/uploads/2016/01/MidiaeViolencia_CadernosAdenauer.pdf> acesso em 04/03/2025.

interessa entender porque dividir esses conceitos em tipologias e suas reverberações no campo de trabalho jornalístico e atuação midiática.

Galtung (1969) em seus diversos estudos sobre o papel da violência na sociedade lança mão de uma conceituação sobre os tipos de violência que assolam o tecido social. São estas, a violência direta, estrutural e cultural.

Por violência direta, Galtung (1969) explica que ela produz um resultado. Os atores são plenamente conhecidos. Ela produz uma relação de estímulo resposta entre os envolvidos. Na cobertura midiática, se distingue a violência direta até pela repercussão gerada ou gravidade do fato noticiado. Seriam casos de violência direta: assassinatos, chacinas, criminalidade em geral. Ferreira (2019) lembra que quando Galtung se referia a violência direta, isso se refletia aos usos dados por diversos atores em um contexto de guerra, como por exemplo, o uso de armas químicas, bombas, entre outros (p. 66).

No contexto das coberturas midiáticas, a forma como jogos de imagens, estratégias discursivas são utilizadas para reverberar o sentido de violência enquanto fenômeno social em que há culpados e inocentes é característico dessa tipologia. Galtung (1969) inclusive acredita que a narrativa jornalística de violência se assemelha em grande parte à narrativa esportiva ao criar um ambiente em que há vencedores e derrotados sobretudo nessas coberturas.

Já sobre a violência estrutural, essa dinâmica se torna um pouco mais complexa. Para o autor, é complicado estabelecer a relação entre os atores envolvidos porque ela é baseada, sobretudo, nas relações mediante casos de injustiça social. Lopes (2013, p 04) explica que ao contrário da violência direta, essa relação não é tão facilmente visível, mas isso não significa que não exista. É como se aquela situação fosse natural e sempre tivesse existido.

Galtung (1969) explica que a violência estrutural é uma das formas de violência mais complexas de se investigar, porque ela não está ligada ao ato em si, mas aos contextos que cercam. Como o homem negro que ganha um salário menor para fazer o mesmo tipo de trabalho que o homem branco ou, a jornada de trabalho diferente entre homens e mulheres. Ou seja, uma violência para não ser facilmente identificável.

Sobre violência cultural, Galtung (1989) é taxativo:

Por violência Cultural, queremos dizer aqueles aspectos da cultura, do âmbito simbólico de nossa existência (Materializado na religião e

ideologia, língua e arte, ciências empíricas e ciências formais – Lógica, matemáticas -), que podem utilizar-se para justificar ou legitimar a violência direta ou estrutural (Galtung, 1989, p. 09)⁵

O que define o processo de violência cultural é sua relação quanto à infraestrutura hegemônica e por isso mesmo seus atos são autolegitimados. Galtung (1989, p. 10) mostra que a violência cultural faz parecer que a violência direta e estrutural sejam reflexos do cenário de uma “paz cultural” já enraizada na sociedade. Por exemplo, as mulheres ainda ganham menos do que os homens e isso ainda se reflete de forma culturalmente aceita porque a sociedade não se motiva a lutar contra, é estruturalmente estratificada e por isso mesmo difícil de ser combatida, ainda que haja um movimento global no sentido de mudar essa relação.

E tendo em vistas essas tipologias defendidas por Galtung (1969) como é possível relativizá-las em contexto contemporâneo? Byun-Chul Han (2019) em *Tipologia da Violência* mostra que as formas de exercício de violência estão cada vez mais centradas em sua relação macrofísica. Ou seja, os grandes conflitos estão em uma espécie de imersão, a violência se apresenta hoje de distintas formas, sejam elas através do dualismo psíquico (ego e alter, amigo e inimigo) e do processo cada vez maior da “spamização” da linguagem gerando um excesso de positividade social e que quando não tem suas expectativas realizadas, frustra-se, desembocando em uma relação de violência de foro íntimo, consigo mesmo (p. 08-09).

O autor, na verdade fala sobre o papel que a sociedade do desempenho na contemporaneidade exerce sobre nós:

A sociedade de desempenho de hoje, com sua ideia de liberdade e desregulamentação vai derrubando de forma massiva, barreiras e proibições que caracterizavam a sociedade disciplinar; a derrubada da negatividade deve incrementar o desempenho. Dirige-se à eliminação universal das barreiras e limites, à promiscuidade geral, da qual não surge qualquer energia repressiva (HAN, 2019, p. 68)

É por isso que Han (2019) ao falar sobre as formas de violência, frisa com significativa importância para a sua dimensão macrológica (p. 137). Ou seja, a violência

⁵ Tradução nossa para: Por violencia cultural queremos decir aquellos aspectos de la cultura, el ámbito simbólico de nuestra existencia (materializado en religión e ideología, lengua y arte, ciencias empíricas y ciencias formales —lógica, matemáticas—), que puede utilizarse para justificar o legitimar violencia directa o estructural

conforme as trabalhadas por Galtung (1969) representam a negatividade que um exerce sobre o outro, carregando o peso de sua dimensão simbólica se, e somente se, a relação de pertencimento que um exerce sobre outro se configura como violência.

No momento em que eu dou anuência e a incluo na minha ação, no momento em que eu construo uma relação com ela, já não é mais violência. Relaciono-me com ela livremente; confirmo-a como conteúdo de mim mesmo. [...] Se a violência for incorporada, apesar de não haver uma interiorização, ela forma uma introjeção e continua sendo exterior para mim (HAN, 2019, p. 137-138).

Ou seja, é exatamente por isso que, conforme as premissas de Galtung (1969) ao reportar sobre a violência cultural, seja tão difícil se livrar dela, porque essa expressão do sentido não se configura. A lógica de dominação de um perante o outro é baseada historicamente pela relação de dominação e, por isso mesmo, sistêmica (Han, 2019).

E quando o autor fala que essa relação se deriva das manifestações implícitas em que elas ocorrem, da falta de visibilidade, Han (2019) se aproxima das conceituações de Galtung (1969) ao falar da violência estrutural. Porém, aqui é possível observar algumas distinções nas visões dos autores. Porque enquanto Galtung se preocupa em oferecer uma visão mais amplificada sobre o conceito de violência, Han (2019, p. 169-170) questiona justamente essa amplitude pois, ao maximizar a concepção de violência, Galtung transforma-a como um subproduto de hierarquias e ordenações graduais que fundamentam as relações de poder e de domínio da sociedade.

Ou seja, para o autor, acima de tudo a violência estrutural não seria uma violência em si, mas uma técnica de domínio. Um domínio invisível e simbólico, muito mais efetivo do que a própria violência em si. Mais próximo da definição de violência simbólica (Bourdieu, 1989). Ambas as visões são profundamente dependentes da relação de dominação, muito mais efetiva do que do ato de violência (Han, 2019, p. 153).

E por conta disso, Han (2019) evoca o conceito de violência sistêmica na qual, a sociedade contemporânea, transforma todos os seus membros em vítimas por conta do ambiente de hipervisibilidade, transparência, produção e desempenho. O sujeito, segundo Han se torna o próprio sistema de violência (p. 169).

Com isso, o autor mostra que a concepção de violência na contemporaneidade é muito mais próxima do tom gerado pela hiperexposição, da superficialidade das relações

e da dinâmica da velocidade demandada pelas plataformas sociais, e pelo contexto midiático contemporâneo.

Nesse sentido, percebe-se que discutir sobre violência e suas dinâmicas ultrapassam a mera cobertura midiática sobre atos. São mais complexas e por isso mesmo se apresentam de formas muito diversas. Na contemporaneidade, inclusive, o papel da violência e da sociedade criaram uma nova capacitação entre os interagentes: o desempenho.

3. Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. **O poder Simbólico**. 5ª ed. Lisboa: Difel, 1989.

CHARRADEAU, P. **O discurso das Mídias**. Trad. Ângela Correa. São Paulo, Contexto, 2009.

FERREIRA, M. A. S.V. **As origens dos estudos para a paz e seus conceitos elementares**: paz, violência, conflito e Guerra. In. As origens dos estudos para a paz. 2019. p. 47-83

LOPES, F. **Os conceitos de paz e violência cultural**: Contribuições e limites da obra de Johan Galtung para a análise de conflitos violentos. **Athenea Digital**, v. 13, n. 2. p. 169-177. 2013

GALTUNG, J. **Violence, peace and peace research**. Journal of Peace Research, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969

GALTUNG, J. **Violencia Cultural**. Trad. Teresa Toda. Ed. Gernika Gogoratuz, 1989

HAN, B. C. **Tipologias da violência**. Trad. Enio Giachini 2ª reimp., Petrópolis, RJ, Vozes, 2019.

HOHLFELDT, A; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V.V. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 11. Ed, Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SCHUDSON, M. **Descobrendo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos** – Trad. Denise Jardim Duarte. Petrópolis, Ed. Vozes, 2010.

SOUZA, J. P. **As notícias e os seus efeitos**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2000.

WOLF, M. **Teorias das Comunicações de Massa** – Trad. Karina Janini. São Paulo, 4ª Ed. WMF Martins Fontes, 2010.